

Revista de Literatura,
História e Memória



Dossiê:

Autoficção: da memória à ficção

ISSN 1983-1498

v. 18 – n. 31 – 2022

UNIOESTE/CASCAVEL - p. 203-220

INFÂNCIA: AUTOFICÇÃO DE GRACILIANO RAMOS

Infância: autofiction by Graciliano Ramos

Marcos Hidemi de Lima¹

RESUMO: Este artigo procura apresentar algumas reflexões a respeito do livro de memórias *Infância*, de Graciliano Ramos, cuja primeira publicação ocorreu em 1945, com o objetivo de apontar nesta obra, que mescla autobiografia e ficção, algumas marcas que permitem considerá-la como uma produção autoficcional ainda que tenha sido escrita na primeira metade do século XX. Para as discussões da presença da autoficção em *Infância*, o apoio teórico se baseia, entre outros, em Antonio Candido (1992), Diana Kingler (2007), Leyla Perrone-Moisés (2016), Vincent Colonna (1989), alguns textos sobre o escritor presentes no volume organizado por Thiago Mio Salla e Ieda Lebensztayn (2014).

PALAVRAS-CHAVE: Graciliano Ramos; *Infância*; Autoficção.

ABSTRACT: This article aims to present some reflections on the memoir book *Infância* (1945) by Graciliano Ramos. This book, which mixes autobiography and fiction, points out some marks that allow us to consider it an autofictional production even though written in the first half of the 20th century. These discussions about the presence of autofiction in *Infância* are supported, among others, by Antonio Candido (1992), Diana Kingler (2007), Leyla Perrone-Moisés (2016), Vincent Colonna (1989), and some texts about Graciliano in a book organized by Thiago Mio Salla and Ieda Lebensztayn (2014).

KEYWORDS: Graciliano Ramos; *Infância*; Autofiction.

À GUIA DE INTRODUÇÃO

Existem escritores que se anteciparam a outros e produziram obras com determinadas características inovadoras que só depois de certo tempo acabaram se consagrando. Se esses autores não obtiveram reconhecimento de imediato, talvez uma das razões esteja relacionada ao fato de escreverem em países periféricos, como é o caso do Brasil, onde o artefato literário não desfruta de grande consideração de boa parte do público leitor.

Um dos exemplos mais notáveis dessa percepção das novas tendências literárias foi, segundo detecta o ensaio “Esquema de Machado de Assis”, de Antonio Candido (1977), o próprio Machado, autor de várias obras-primas, canonizadas pela crítica e pelos leitores, que traziam dentro de si “a fruta dentro da casca”, o germe em potência do que, depois dele, seriam as marcas da literatura frondosa do século XX produzida por Marcel Proust, Franz Kafka,

¹ Professor de Literatura Brasileira da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), campus Pato Branco. Nesta instituição, atua na graduação em Letras e na Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL). Doutor em Letras pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Email: marcos_hidemi@yahoo.com.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0230003569520230>.

Willian Faulkner, Albert Camus, James Joyce e Jorge Luís Borges.

Graciliano Ramos foi o outro autor que também apresentou uma obra literária sólida e, de certa forma, num ou noutro caso, mostrou-se antecipadora dalgumas inovações literárias de seu tempo. Exemplo cabal de romance que se distingue na produção romanesca do escritor alagoano é *Angústia* (1936). Nesta obra, existem alguns elementos que permitem pensar na hipótese de a narrativa ser de cunho existencialista. Talvez a ideia não seja de todo equivocada, pois, em 1950, Graciliano traduziu *A peste*, de Albert Camus. E o escritor argelino sempre foi considerado próximo do existencialismo, sobretudo porque apresenta o absurdo da existência humana em suas obras.

No que concerne aos escritos de caráter confessional de Graciliano, é possível divisar em *Infância* (1945) e *Memórias do cárcere* (1953) alguns traços que correspondem a um misto de autobiografia e de ficção. A oscilação entre uma e outra forma de narrativa vem sendo apontados pela crítica contemporânea como recursos de que lançam mão as obras intituladas como autoficção. Nesse sentido, ambas podem ser inscritas no entre-lugar da narrativa de cunho ficcional e a de caráter autobiográfico, permitindo que os dois livros sejam compreendidos como produções literárias antecipadoras do que, atualmente, têm sido chamadas de autoficção.

Ainda que a tentação seja grande de abordar o também autobiográfico *Memórias do cárcere*, por motivos de ordem espacial, optou-se, neste trabalho, em restringir as discussões ao livro de memórias *Infância*, objetivando apontar neste algumas marcas que permitem considerar tal obra como autoficcional, a despeito de ter sido escrita na primeira metade do século XX, demonstrando que a evolução da prosa ficcional para a prosa memorialística de Graciliano sinaliza para o espírito *avant la lettre* que só existe nos verdadeiros gênios da literatura.

BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE AUTOFICÇÃO

Leyla Perrone-Moisés observa em “A autoficção e os limites do eu”, ensaio que compõe seu livro *Mutações da literatura no século XXI* (2016) que o termo *autofiction* – que tem o objetivo de nomear obras da literatura que oscilam entre a autobiografia e a ficção – foi empregado pelo crítico literário e escritor Serge Doubrovsky em seu livro *Fils*, em 1977. Cerca de dez depois, o termo autoficção tornou-se motivo de estudos da academia, como a tese de doutorado de Vincent Colonna sobre tal assunto, baseando-se no termo criado por Doubrovsky. Em 2004, o trabalho de Colonna tornou-se o livro *Autofictions et autres mythomanies littéraires*.

Em sua tese, Colonna (1989, p. 11) assinala que o casamento entre o registro autobiográfico e o ficcional no sentido de autoficção não é propriamente uma novidade. Segundo o pesquisador, escritores famosos como Diderot, Proust, Kafka, Céline, Genet, entre outros, empregaram tal forma de escrever. Seguindo tal raciocínio, Perrone-Moisés destaca Montaigne, Rousseau e Thomas de Quincey como exemplos de uma tradição da autoficção. Conclui a ensaísta que “[...] a autoficção não é um gênero novo, apenas a variante moderno de um gênero antigo.” (2016, p. 206).

O termo é contraditório. Geralmente, as definições de autoficção tomam-na como um gênero literário de feitiço memorialístico e outros a consideram como um gênero no qual existe um registro imediato da experiência. Segundo Diana Kingler em *Escritas de si, escritas do outro* (2007, p. 13), a autoficção “[...] se insere no campo mais amplo da escrita de si, a partir do questionamento dos conceitos de representação e subjetividade”, não importando a vida do autor e o texto, mas sim o texto como uma forma de criação de um “mito do escritor”. Alguns compreendem a autoficção como a criação de um eu totalmente fantasioso, ao passo que outros acreditam que tal gênero atém-se a um caráter totalmente verdadeiro do que é narrado.

Colonna (1989, p. 30) salienta que “[...] uma autoficção é uma obra literária na qual um escritor se inventa uma personalidade e uma existência, conservando sua identidade real (seu verdadeiro nome).”² Como se pode perceber na afirmação, ao assumir-se como um “eu” na narrativa, o escritor transforma-se numa personagem que ganha vida própria no texto ficcional, e essa personagem identifica-se com o escritor da vida real.

A discussão, como se percebe, retoma a velha questão do fingimento do narrador num texto ficcional. A percepção de que há um “eu” demonstra a existência de um “sujeito da enunciação” que constrói o texto. Nesse sentido, as observações de Antoine Compagnon, em *O demônio da teoria*, servem para corroborar os comentários aqui feitos:

Nessa comparação entre o autor e o pronome da primeira pessoa reconhece-se a reflexão de Emile Benveniste sobre “La Nature des Pronoms” [A Natureza dos Pronomes] (1956), que teve uma grande influência sobre a nova crítica. O autor cede, pois, o lugar principal à escritura, ao texto, ou ainda ao “escriptor”, que não é jamais senão um “sujeito” no sentido gramatical ou linguístico, um ser de papel, não uma “pessoa” no sentido psicológico, mas o sujeito da enunciação que não preexiste à sua enunciação mas se produz com ela, aqui e agora. (1999, p. 50-51)

É perceptível que o uso da primeira pessoa aponta, paradoxalmente, para o

² “[...] une autofiction est une œuvre littéraire par laquelle un écrivain s'invente une personnalité et une existence, tout en conservant son identité réelle (son véritable nom).”

desmascaramento do eu que o texto desvela, só passível de ser contornado pelo uso de recursos que o elidam – circunstância que aponta para a antiga querela sobre a intencionalidade explicativa do autor na ficção.

A autoficção, como aponta Kingler, pertence a um gênero que se caracteriza pela ambiguidade (2007, p. 46), pouco havendo de interesse em saber se determinada narrativa teria relação com uma verdade que teria ocorrido antes. Sucede que verdade e ilusão tornam-se categorias que se confundem. Há, portanto, certa indistinção entre a confissão e o fingimento (o verbo latino “fingere” resultou em fingir e ficcionalizar), o que permite compreender a autoficção como uma “[...] ficção que o autor cria de si próprio” (KINGLER, 2007, p. 53), ou seja, o texto autoficcional é uma espécie de performance simultânea da pessoa (o autor) e da personagem que o autor encarna.

AUTOFICÇÃO EM GRACILIANO

Para o objetivo deste trabalho que visa a relacionar o termo autoficção ao livro *Infância* (1945), cumpre a apreciação de alguns dados que podem ser detectados nas páginas iniciais da obra. O volume traz, entre parênteses, a classificação “memórias” logo depois do título (a informação está na folha de rosto da 2ª edição, de 1952, ora utilizada da obra publicada pela Editora José Olympio). Nesse sentido, os traços que identificam a chamada autoficção, segundo Perrone-Moisés, são assaz pertinentes para estabelecer um liame com alguns elementos que há em *Infância*:

Philippe Gasparini, em seu livro *Autofiction: Une aventure du langage* (2008), definia algumas das características obrigatórias do gênero: identidade explícita do nome do autor com o nome da personagem-narrador; uma escrita visando à verbalização imediata; a reconfiguração do tempo linear, por seleção, fragmentação, inversão cronológica, mistura de épocas; objetivo expreso, pelo narrador, de narrar fatos reais e de revelar sua verdade interior. (2016, p. 207)

Saliente-se que Gasparini se opõe à teorização de Colonna. Porém, praticamente quase todos os elementos enumerados acima acabam, um a um, aparecendo nesta obra memorialística de Graciliano: a personagem que narra corresponde àquele que se apresenta no frontispício da obra como o autor; ainda que a narrativa seja construída linearmente, é evidente que o escritor optou por uma seleção de determinados fatos que julgou interessante chegar ao público; e, dado crucial na obra de feitio realista de Graciliano, a narrativa se ocupa de fatos reais vivenciados por ele durante certo período de quando era criança.

A coincidência entre autor e personagem é tese presente em *Ficção e confissão*, estudo que Antonio Candido consagrou à produção ficcional de Graciliano Ramos. O crítico salienta que “[...] ainda me parece justo o pressuposto básico, isto é, que ele [Graciliano] passou da ficção para a autobiografia como desdobramento coerente e necessário da sua obra.” (1992, p. 11) Tal observação refere-se à tendência do escritor trazer elementos autobiográficos em seus romances anteriores, sobretudo em *S. Bernardo* e *Angústia*. Nesse sentido, tal característica memorialística acabou levando o escritor aos livros de feição autobiográfico.

Depois que publicou *Vidas secas* em 1938, Graciliano não mais retornou ao romance. Seus esforços foram dirigidos a produções autobiográficas como *Infância* e *Memórias do cárcere*. Mas a ideia de que *Vidas secas* tenha sido a derradeira produção ficcional de Graciliano é refutada por Candido: “*Infância* pode ser lido como tal, pois a sua fatura convém tanto à exposição da verdade quanto da vida imaginária; nele as pessoas parecem personagens e o escritor se aproxima delas por meio da interpretação literária, situando-as como criações.” (1992, p. 50).

Na mesma linha de raciocínio, em *Estruturas*, Rui Mourão detecta que as produções subsequentes a *Vidas secas* não vão se restringir ao aspecto documental ainda que se declarem memórias – que é o caso de *Infância* aqui estudado e, posteriormente, será também, por assim dizer, o *modus operandi* de *Memórias do cárcere*, obra póstuma publicada em 1953. No que concerne à *Infância*, Mourão comenta que o livro “foi estruturado como se de obra de ficção se tratasse” ([2003], p. 160), reiterando o que Candido já assinara em *Ficção e confissão*. Além disso, Mourão acrescenta que:

O autor e todos os demais figurantes recebem delineamentos típicos de personagens de romance, sendo apresentados ao leitor, não através da discursividade conceitual, mas pela via da representação sintético-emotiva. E, de resto, todo o mundo que se levanta das páginas, fugindo à precisão do calendário e até mesmo da exata localização geográfica, arrasta consigo forte contingente de magia e de mistério, na medida em que sugere uma atmosfera. ([2003], p. 160)

As observações acima reforçam a ideia de que *Infância* inscreve-se no que modernamente se intitula autoficção. De acordo com esses comentários, Graciliano trata a si mesmo na narrativa como personagem, buscando revelar pela via da “representação sintético-emotiva” sua interioridade, elemento que corresponde a uma das características recorrentes do texto autoficcional. Em resumo, *Infância* situa-se no entre-lugar de duas categorias: a autobiografia e o romance, não se circunscrevendo a nenhum dos dois gêneros.

MESMA IDENTIDADE

Convém lembrar que um dos itens fundamentais para a identificação de um texto autoficcional, salientado parágrafos acima, é que exista, de forma clara, concordância entre o nome da personagem que narra com o nome do autor. Conhecido pela sua aversão a qualquer tipo de notoriedade, Graciliano não declina em nenhuma das páginas de *Infância* seu nome. Este aparece tão somente na folha de rosto da edição aqui utilizada ou, em edições mais modernas, na capa do livro e no seu frontispício.

Falhada a coincidência entre autor, narrador e personagem, fica evidente a falta de verossimilhança no plano da enunciação – circunstância que aponta para uma classificação equivocada de autobiografia para esse texto de Graciliano. O leitor só consegue afirmar que se trata de um relato autobiográfico, das memórias da meninice do escritor, ao estabelecer relação entre os fatos narrados com os dados biográficos do autor. Sem essas informações externas, instaura-se a dificuldade de definir se o texto designado como “memórias” seria de fato uma autobiografia, uma autoficção ou mesmo um romance.

Na realidade, nesta obra, somente o conhecimento da biografia de Graciliano permite ao leitor saber da coincidência entre narrador e personagem. Nas primeiras páginas de *Infância*, o escritor narra que a família tinha deixado uma pequena cidade em Alagoas e ido para o “[...] sertão de Pernambuco, eu, meu pai, minha mãe, duas irmãs. Mas pai e mãe, entidades próximas e dominadoras, as duas irmãs, uma natural, mais velha que eu, a outra legítima, direita, dois anos mais nova, eram manchas paradas” (RAMOS, 1952, p. 7).

De acordo com as informações do site oficial do escritor, a família havia se mudado de Alagoas para a Fazenda Pintadinho, em Buíque, no interior de Pernambuco, em 23 de junho de 1895, quando o escritor tinha quase três anos. Graciliano nascera em Quebrangulo, em Alagoas, em outubro de 1892 e a irmã mais nova mencionada por ele, Leonor Ramos de Oliveira, nascera em setembro de 1894. Quanto à irmã ilegítima mencionada no trecho, não há alusão no site. Em *Infância*, porém, Graciliano dedica um capítulo a ela e menciona-a nalgumas partes do texto. Esclarece que era chamada de Mocinha e casara mesmo com a contrariedade do pai. Mais tarde, acabou abandonada pelo marido, “[...] desapareceu e não deixou vestígio” (1952, p. 150).

Companheira das travessuras infantis, Leonor é expressamente citada numa passagem de *Infância* quando ela e Graciliano brincavam no meio do milho de um paiol e recebem reprimenda do padre José Inácio: “Leonor voltou-se e desfaleceu. Caímos em desânimo esquisito, como dois bichinhos magnetizados. Faltava-me a força necessária para mover-me,

ganhar a porta, fugir pelo corredor.” (RAMOS, 1952, p. 61) No site do escritor, há informação de que em 1915, quando ele estava no Rio de Janeiro, Leonor e mais dois de seus irmãos morreram vitimados por uma epidemia de peste bubônica.

Menções a pessoas e lugares servem também para corroborar que a personagem, o narrador e o próprio autor representam uma única figura. Graciliano alude à mãe com frequência. Geralmente não a nomeia: “Minha mãe tocou a linha esquiva dos beijos naquela surpresa que tingia a substância rara, cruzou as mãos, franziu a boca numa tentativa de agradecimento” (RAMOS, 1952, p. 34). Noutras ocasiões, a mãe é citada pelo próprio nome: “Nessa linguagem capenga, d. Maria matracava um longo romance de quatro volumes, lido com apuro, relido, pulverizado, e contos que me pareciam absurdos” (RAMOS, 1952 p. 13), “E, longe deles, d. Maria sossegava. Quando apurei o olfato e a vista, percebi que os lençóis de meus irmãos eram fétidos, horríveis. Os meus deviam ter sido assim” (RAMOS, 1952, p. 36).

No capítulo “Inferno”, a cena protagonizada pelo menino Graciliano e a mãe é praticamente a mesma do capítulo “O menino mais velho” de *Vidas secas*, numa evidente prova da diluição de fronteiras entre a realidade e a ficção. No capítulo de suas memórias, menino de seis anos, Graciliano quer saber da mãe o que significa a palavra inferno. Como ela fica apenas nas generalizações, informando-o de que “[...] aquela terra era diferente das outras. [...] os moradores, péssimos, torturados por demônios de rabo e chifres, viviam depois de mortos em fogueiras maiores que as de S. João [...]” (RAMOS, 1952, p. 70), o garoto põe-se a indagar sistematicamente e, enfim, duvida das palavras maternas, sendo reprimido por d. Maria com algumas chineladas.

De modo muito semelhante ao relatado nas memórias, em *Vidas secas*, o narrador salienta que o menino mais velho “[...] nunca tinha ouvido falar em inferno” (RAMOS, 2003, p. 55). Curioso, questiona o pai. Como não obtém resposta, resolve pedir esclarecimentos a sinha Vitória, a mãe. Esta alude a “[...] espetos quentes e fogueiras” (RAMOS, 2003, p. 56). Ante a insistência do garoto, ela “[...] se zangou, achou-o insolente e aplicou-lhe um cocorote” (RAMOS, 2003, p. 56).

Outras personagens da meninice do escritor também figuram em seus romances. Um deles é José da Luz, do capítulo homônimo, que “diferia muito dos policiais comuns” (RAMOS, 1952, p. 87). O narrador apresenta-o com simpatia no livro e ressalta que gostava de entoar os seguintes versos: “Assentei praça. Na polícia eu vivo/Por ser amigo da distinta farda” (RAMOS, 1952, p. 88). Em *Angústia*, há um cabo com o mesmo nome que repete a mesma canção. Os trabalhadores José Baía e Amaro vaqueiro da fazenda do pai também foram transformados em personagens no mesmo romance. E a cantiga que José Baía cantava para o garoto Graciliano é

a mesma que aparece na voz de Casimiro Lopes, personagem de *S. Bernardo*, a brincar com o filho de Madalena e Paulo Honório: “*Eu nasci de sete meses,/Fui criado sem mamar,/Bebi leite de cem vacas/Na porteira do curral*” (RAMOS, 2004a, p. 161).

Como se pode observar nos exemplos acima, Graciliano mescla elementos de sua vida ao de suas criações ficcionais. O mesmo eu de suas recordações autobiográficas e muitas pessoas com as quais conviveu na meninice serviram como figuras reais transpostas para o texto autoficcional de *Infância* e revelaram-se úteis na composição das suas personagens dos romances.

Detecta-se neste texto autoficcional de Graciliano tendência a narrar as agruras que sofreu enquanto criança. O próprio escritor opera no texto uma espécie de seleção que visa a dar mais ênfase a relatos em que o sofrimento se materializa de várias maneiras. É como se sua narrativa buscasse mostrar de forma mais ou menos ficcionalizada a existência de qualquer criança, em princípios do século XX, criada em ambientes hostis do nordeste brasileiro, cercada de pessoas rudes. Entretanto, ainda que o escritor empreste esse ar ficcional ao que conta, proporcionando certa ilusão ao leitor de que os fatos são quase matéria de romance, é preciso ter em conta que ele busca ser o mais fidedigno possível ao que viveu e, embora não de forma linear ou precisa, sua escrita almeja traduzir o máximo de realidade.

No artigo “Autoficção e literatura contemporânea”, Luciene Almeida de Azevedo discorre sobre as questões que envolvem a definição da chamada autoficção. Num dos trechos, ela efetua observação que possibilita associar o eu da narrativa de *Infância* e o eu representado pelo escritor Graciliano Ramos:

A autoficção é entendida, então, como um apagamento do eu biográfico, capaz de constituir-se apenas nos deslizamentos de seu próprio esforço por contar-se como um eu, por meio da experiência de produzir-se textualmente. Eu descentralizado, eu em falta que preenche os vazios do semi-oculto com as sinceridades forjadas que escreve. (2008, p. 34-35)

Existe por parte do escritor uma constante e árdua luta no sentido de apagar-se na narrativa, suprimir na medida do possível o “pronomzinho irritante” eu, apenas passível de existência no universo do seu texto. Na narrativa autoficcional de *Infância*, o “eu biográfico” cede lugar a um eu só não de todo suprimido do processo de escrita porque, na realidade, possui a função de expressar um fingimento em forma de palavras do escritor. Ou seja, buscando fugir à autodenominação de si mesmo, de fazer coincidir o eu social com o eu da primeira pessoa que narra as reminiscências da meninice, Graciliano estabelece uma confusão entre o que aparentemente são memórias e a ficcionalização dessas memórias.

No prefácio a *Conversas*, obra organizada por Ieda Lebensztain e Thiago Mio Salla, que reúne entrevistas e depoimentos de Graciliano a veículos jornalísticos ao longo de sua vida, há destaque para uma fala sua publicada na entrevista concedida a Armando Pacheco, em 1945, quando do lançamento de *Infância*. O interlocutor indagava se Graciliano, na sequência, faria outros livros contando sobre sua juventude e vida adulta. Conhecido por sua antipatia a ser o centro das atenções, o escritor negou tal pretensão. Além disso, coerente com sua postura de desvalorização de sua importância literária, Graciliano acrescentou: [...] julgo-me diluir-me no decorrer da narração, confundir-me com outros tipos. Ignoro se consegui essa despersonalização, mas é certo que, se prolongasse as memórias, cairia num egocentrismo besta.” (2014, p. 29-30). A resposta do escritor elucida sua maneira de empreender o apagamento de si mesmo nas suas memórias de criança.

O trecho é bastante revelador da forte aversão do escritor ao culto do eu, uma idiossincrasia que tomava ares de constante autodesvalorização quando se referia a si mesmo, não como sinal de uma falsa modéstia, mas sim porque havia sido uma criança que conversava pouco e habituara a supor-se inferior às outras pessoas, acabando por interiorizar uma presumida inferioridade que, na verdade, nunca existiu.

O TEMPO RECONFIGURADO

Dar nova disposição ao tempo da narrativa é outro item que define a autoficção. Uma das opções de Graciliano foi pela seleção aleatória dos fatos selecionados que ele mesmo vivenciou. Isso fica evidente no índice dos capítulos do livro. Os assuntos são os mais díspares. Não há propriamente objetividade na escolha dos acontecimentos. O escritor escolhe as passagens de sua infância pautando-se na afinidade com o assunto, pela impressão que determinado evento causou no seu íntimo. Existe, portanto, uma narrativa autobiográfica que se pauta pela exposição de sentimentos que o autor percebeu nalgumas situações da infância.

O capítulo “Nuvens”, que abre o livro, opta por uma narrativa em que prepondera certa imprecisão nas lembranças do escritor. Aliás, no próprio título sobrepõe certa indefinição, certa imaterialidade, certo aspecto informe. De fato, as reminiscências aparecem como retalhos sem que sejam capazes de produzir um tecido completo. Ao longo do capítulo, as próprias palavras escolhidas revelam um aspecto de transparência, uma inexistência de clareza no processo de rememoração do autor: “sonho”, “figuras indecisas”, “lugares imprecisos”, “fragmentos de pessoas”, “pontos nebulosos”, “indistinta mãe”, “letargia”, “sombras”.

As interpretações dos eventos passados marcam-se pela ambiguidade como evidencia o

primeiro parágrafo: “A primeira coisa que guardei na memória foi um vaso de louça vidrada, cheio de pitombas, escondido atrás de uma porta. Ignoro onde o vi, quando o vi, e se uma parte do caso remoto não desaguasse noutra posterior, julgá-lo-ia sonho.” (RAMOS, 1952, p. 5) Aos saltos, pedaços de recordações surgem neste capítulo: “Achava-me numa vasta sala, de paredes sujas”, “De repente me senti longe, num fundo de casa, mas ignoro de que jeito me levaram para lá, quem me levou.” (RAMOS, 1952, p. 6) e “O pátio, que se desdobrava diante do copiar, era imenso, julgo que não me atreveria a percorrê-lo. O fim dela tocava o céu” (RAMOS, 1952, p. 9).

Ainda nesse mesmo capítulo, o narrador apresenta a enumeração caótica de várias recordações nas quais se misturam pessoas e objetos: “Surgiram repentinamente a sala espaçosa, o velho, as crianças, a moça, bancos, mesa, árvores, sujeitos de camisas brancas.” (RAMOS, 1952, p. 7), transferindo ao leitor a impressão de que são vistos numa espécie de fotograma surreal. Ocorre também nesse processo enumerativo uma espécie de rememoração de feitiço metonímico que, em vez de descrever plenamente as pessoas do passado, recupera delas um ou outro traço: “[...] os brincos e a cara morena de sinhá Leopoldina, o gibão de Amaro vaqueiro, os dentes alvos de José Baía, um vulto de menina bonita, minha irmã natural, vozes ásperas, berros de animais ligando-se à fala humana” (RAMOS, 1952, p. 10).

É possível detectar na maneira como se iniciou a composição do livro a não obrigatoriedade de Graciliano com uma apresentação cronologicamente ordenada dos fatos sucedidos na sua infância. Em entrevista concedida à revista *Vamos ler!*, publicada em 25 de outubro de 1945, o escritor detalhou a Armando Pacheco como compusera *Infância*:

Em 1938 debulhei apenas os três capítulos mencionados [“Samuel Smiles”, “Os astrônomos” e “O menino da mata e seu cão piloto”]; em 1939, quatro; em 1940, dois; em 1941, quatro; em 1942, nove; em 1943, sete; de 16 de abril a 9 de junho de 1944, dez. Consumi, portanto, quase seis anos a pingar duzentas e setenta e nove páginas. Prometi dá-las ao editor em dois anos, mas, de prorrogação em prorrogação, estirei muito o prazo, o que decerto não melhorou o produto. Deve ter piorado: uma coisa feita com tantos intervalos sai cheia de hiatos e repetições. Esforcei-me por corrigir isso, provavelmente sem êxito. (SALLA; LEBENSZTAYN, 2014, p. 168)

Interessante destacar que antes de serem efetivamente capítulos de *Infância*, os textos “Samuel Smiles”, “Os astrônomos” e “O menino da mata e seu cão piloto” foram publicados em jornais. Na mencionada entrevista a Pacheco, o escritor salienta que não tinha objetivo de fazer um livro. Isso só lhe ocorreu quando escreveu “Um cinturão”, quarto texto sobre a tentativa de o escritor “[...] tentar reconstruir uns anos da meninice perdida no sertão” (SALLA;

LEBENSZTAYN, 2014, p. 169-170). Justifica tal observação pela ordem que tais títulos ocuparam o volume de trinta e nove capítulos: “[...] o primeiro capítulo nascido foi o trigésimo primeiro do volume agora lançado; o segundo foi o trigésimo; o terceiro, o trigésimo segundo” (SALLA; LEBENSZTAYN, 2014, p. 167). Todavia o livro já vinha sendo gestado anos antes conforme carta de Graciliano à Heloísa Ramos, sua esposa, datada de 28 de janeiro de 1936:

Um dia destes, no banheiro, veio-me de repente uma ótima ideia para um livro. Ficou-me logo a coisa pronta na cabeça, e até me apareceram os títulos dos capítulos, que escrevi quando saí do banheiro, para não esquecê-los. Aqui vão eles: *Sombras*, *O Inferno*, *José*, *As Almas*, *Letras*, *Meu Avô*, *Emília*, *Os Astrônomos*, *Caveira*, *Fernando*, *Samuel Smiles*. Provavelmente me virão ideias para novos capítulos mas o que há dá para um livro. (RAMOS, [1981a], p. 157)

Dos onze nomes de capítulos destacados na carta, cinco foram mantidos: “O inferno”, “Meu avô”, “Os astrônomos”, “Fernando” e “Samuel Smiles”. “Sombras” foi modificado para “Nuvens” e “José” foi rebatizado como “O moleque José”. Outros capítulos decerto receberam nomes diferentes ou a ideia neles contidas foram abandonadas pelo escritor. É o caso de “As almas”, “Letras”, “Emília” e “Caveira” que não constam no índice de *Infância*.

Nos comentários presentes na entrevista e na carta, ficam evidentes que as fronteiras entre vida e ficção estão embaralhadas, já que Graciliano apresenta versões diferentes e contraditórias sobre a composição do livro de reminiscências de sua infância. As variantes sobre a fatura da obra, por si mesmas, mostram que o contar sobre si, para o escritor, já é um terreno fértilmente ficcionalizante, bem adequado ao espírito imprimido por Doubrovski no *Fils*.

No que concerne às narrativas que saíram nos jornais em 1938, fica claro que elas não possibilitavam a ideia de que comporiam as reminiscências da meninice de Graciliano. Fica apenas uma intenção de contar alguns fatos ocorridos durante a aprendizagem das primeiras letras, geralmente com destaque aos infortúnios dessa quadra da vida. Entretanto os três capítulos publicados na imprensa – ao apresentarem uma existência deseroicizada e ordinária do narrador-protagonista – sinalizam para uma das características que Colonna aponta como distinção entre a autoficção e a autobiografia, esta última preocupada em narrar fatos de pessoas célebres.

No capítulo “Samuel Smiles”, o escritor narra como aprendeu, por volta dos nove anos, a pronúncia correta do sobrenome do escritor inglês com o “professor Rijo, rábula distinto” (RAMOS, 1952, p. 187), pois até então a professora anterior, dona Agnelina, não fizera nenhuma correção na sua dicção equivocada. Na loja do pai, o menino foi motivo de escárnio:

“Um dos caixeiros censurou-me a ignorância e corrigiu: Samuel Símbles. Ouro caixeiro hesitou entre Símbles e Simíles. Repeti que era Smáíles, e isto produziu hilaridade.” (RAMOS, 1952, p. 188)

Na organização para o livro, o capítulo “Os astrônomos” antecede “Samuel Smiles” e há razão para isso. Graciliano conta fato anterior, quando ainda estudava com dona Agnelina e supunha-se semialfabetizado. Nesta narração, o menino é surpreendido pelo pai – sempre distante – que lhe pede para ler. A princípio, a tarefa é cumprida com dificuldades, mas ganha interesse do pequeno leitor. Enfim, o menino fica totalmente desalentado quando “[...] na terceira noite fui buscar o livro espontaneamente, mas o velho estava sombrio e silencioso.” (RAMOS, 1952, p. 1839), deixando de interessar-se pela leitura – na qual apresentava progressos de compreensão do texto – que até então vinha fazendo com enormes sacrifícios. O dissabor foi compensado com o incentivo de Emília, a prima a quem recorrera para auxiliá-lo a ler, que o convenceu a decifrar as palavras por si mesmo e assim poder maravilhar-se com a palavra escrita.

Na mesquinhez de uma vida opressiva, a descoberta do universo das palavras é novamente a temática sobre a qual Graciliano se debruça em “O menino da mata e seu cão piloto”. Desta vez, o repúdio à leitura do menino parte da prima Emília, quando ele lhe mostra o “folheto amarelo” cuja narrativa vinha, arduamente, conseguindo compreender. Justamente Emília que se solidarizara com ele na decifração das palavras, acaba dissuadindo-o da leitura da obra proibida de Vivaldi Moreira, justificando que o romance “[...] era excomungado, escrito por um sujeito ruim, protestante, para enganar os tolos” (RAMOS, 1952, p. 193).

Os capítulos abordam três eventos transcorridos em momentos distintos na vida do escritor. Entretanto, na sua avaliação importa pouco quando tais fatos ocorreram. O escárnio dos caixeiros, o desprezo do pai e a leitura do texto proibido ilustram um único tempo: as horas de sofrimento com a aprendizagem da leitura, somente viável além do mundo comum, somente possível se soubesse compreender os “astrônomos, indivíduos que liam no céu” (RAMOS, 1952, p. 185).

VERDADE INTERIOR

Na narrativa autoficcional, é esperada uma exploração de fatos reais conjugados a uma exploração do interior da personagem que narra. Há, pois, um discurso da subjetividade presente nesse tipo de narrativa. Tal introspecção nos textos autoficcionais corresponde a narrativas cujas experiências pessoais abordam a intimidade e certo narcisismo em expor tal

intimidade. Entretanto há também a reflexão sobre ambos os elementos, atenção que não caracteriza, por exemplo, a autobiografia. De qualquer forma, impossível não concordar que nesse processo de introjeção de si existe “[...] o desejo narcisista de falar de si e o reconhecimento da impossibilidade de exprimir uma ‘verdade’ na escrita” (2007, p. 26), segundo observa Kingler.

Na conceituação de Colonna (1989, p. 334), a autoficção visa a despertar uma espécie de desejo ontológico, de modo que seu caráter de sedução acabe por impelir a autoficção a oferecer o “em si”, e este pressupõe a recriação por parte do autor do que foi vivido, de investigação desse próprio eu que se narra e expõe o que existe de seu interior ao leitor. Convém frisar que se opera uma transformação do autor que passa a tratar sobre si mesmo, todavia não se considerando um eu social, mas sim interpretando outro eu que se configura com o papel de narrador. Nesta última consideração, cabe a reflexão de Kingler (2007) de que o autor é a *performance* de um sujeito, uma construção no interior do texto autoficcional.

Quando foi feita, em 1942, homenagem ao seu cinquentenário, Graciliano proferiu um discurso (disponível no site do escritor sob o título de “Fragmento de um discurso”) em que procura distinguir-se de suas personagens ficcionais. Nega-se ser qualquer uma das três de suas criações mais conhecidas e, paradoxalmente, admite a possibilidade ser um pouco de cada uma delas, por haver, quiçá, “semelhança” entre ele e os protagonistas de seus romances:

Ninguém dirá que sou vaidoso referindo-me a esses três indivíduos, porque não sou Paulo Honório, não sou Luiz da Silva, não sou Fabiano. Apenas fiz o que pude para exibi-los, sem deformá-los, narrando, talvez com excessivos pormenores, a desgraça irremediável que os açoita. É possível que eu tenha semelhança com eles e que haja, utilizando os recursos duma arte capenga adquirida em Palmeira dos Índios, conseguido animá-los. (RAMOS, 2017)

Das três personagens assinaladas pelo escritor, é inegável o quanto o Luís da Silva, narrador de *Angústia*, apresenta fatos da meninice do escritor bastante semelhantes aos fatos transcorridos com o narrador de *Infância*, o Graciliano autor transmutado no seu duplo, o Graciliano personagem. Ao analisar *Angústia*, Candido indaga, a propósito de seu narrador, “[...] até que ponto há elementos da vida do romancista no material autobiográfico do personagem?” (1992, p. 41). Logo adiante, o autor de *Ficção e confissão* responde a seu próprio questionamento:

[...] nota-se que a sua meninice é, pouco mais ou menos, a narrada em *Infância*. Só que reduzida a elementos da etapa anterior aos dez anos, quando morou na fazenda, à sombra do avô materno (aqui, paterno), e na vila de

Buíque; aproveitou, pois, a parte do sertão, como quem quer dar maior aspereza às raízes do personagem. (CANDIDO, 1992, p. 41)

Na reflexão de Candido, vêm à tona elementos da vida de Luís da Silva no material autobiográfico da personagem que narra e ocupa as páginas de *Infância*. Essa constatação possibilita conjecturar que alguns traços da interioridade transtornada do narrador do romance, “um pequeno funcionário, último galho duma família rural estragada” (RAMOS, 1981b, p. 195), compõem um pouco da psique de Graciliano, embaralhando o que é fatura autoficcional com o que é ficcional na produção literária do escritor.

Muito do que se encontra em potência em *Angústia* aparece de forma mais crua em *Infância*. A sutil distinção de uma obra e outra se relaciona ao fato de que a primeira incorporou idiossincrasias de Graciliano na personagem Luís da Silva, ao passo que a última, por se tratar de reminiscências biográficas, apresenta uma figura que aparentemente não se comporta como personagem, embora, na realidade, trata-se de uma *persona* do escritor. Salienta Candido que “Luís é personagem criado com premissas autobiográficas; e *Angústia*, autobiografia potencial, a partir do *eu* recôndito.” (1992, p. 42, grifo do autor) Todavia, esse mesmo “eu recôndito” que atua no texto puramente ficcional é o mesmo “eu” que está presente como autor, narrador e personagem de *Infância*.

Mourão, por seu turno, observa que mesmo depois que Graciliano abandonou a ficção propriamente dita, [...] contraditoriamente as novas obras que vai produzir não deixarão de acusar desvio da intenção documental. O ato de recordar não deixa de ser também um ato de recriar. Inclusive com boa margem de imaginação.” ([2003], p. 160) Existe, portanto, no escritor a velha noção de verdade que a autobiografia conserva como um ponto de honra.

No entanto, seu texto abandona a escrita autobiográfica a partir do momento em que a rememoração necessita preencher hiatos do passado com o emprego da imaginação, que representa um mergulho nas profundezas do inconsciente, de onde ele acaba extraíndo não o acontecimento na sua exatidão, mas sim determinado fato deformado pela recriação literária, como se observa, por exemplo, num trecho do capítulo “Manhã”, na qual o narrador observa que “[...] reuni pedaços de pessoas e de coisas, pedaços de mim mesmo que boiavam no passado confuso, articulei tudo, criei o meu pequeno mundo incongruente.” (RAMOS, 1952, p. 16) Esse mundo contraditório feito de fragmentos de lembranças acaba endossando os dizeres de Roland Barthes de que “a verdade sobre si mesmo só pode ser dita na ficção” (*Apud* KINGLER, 1975, p. 29), ou, no caso de *Infância*, a verdade sobre si só é capaz de ser dita na e pela autoficção.

Em “Graciliano Ramos”, Sônia Brayner (2004) reforça que existe em *Infância* um

caráter de sondagem do que há de mais profundo no escritor, não havendo por parte dele a mera rememoração dos fatos passados. Pelo contrário, os acontecimentos postos em pauta são os mais doloridos. No capítulo “Um cinturão”, por exemplo, o primeiro período evidencia bem isso: “As minhas primeiras relações com a justiça foram dolorosas e deixaram-me funda impressão” (RAMOS, 1952, p. 27), uma vez que Graciliano tem o fito de neles buscar significações, e ao fazer desse material determinada interpretação, ele acaba preenchendo as lacunas, os esquecimentos, a distância temporal etc. com a necessária fantasia que requer um texto ficcional. É dentro dessa perspectiva que Brayner faz a seguinte constatação:

A memória distribui em planos os acontecimentos, sempre uma parcela, por menor que seja, ilumina continuamente o conjunto, e, através de cenas já agora tão distantes no tempo, e sobretudo através das considerações, tenta “significar” o que viveu. Nos romances foi a memória dos personagens que tentou dar-lhes a realidade; agora, chega sua vez e faz do relato de sua infância um pouco de ficção. (2004, p. 407)

Embora seja recorrente em *Infância* a frequente alusão a pessoas que fizeram parte dessa primeira quadra de existência de Graciliano, não se pode descartar que, ao dar evidência ao outro, o escritor tem o intuito de mostrar-se a si mesmo, e isso não se restringe à exterioridade onde enxerga o outro, mas sim um olhar que se volta para dentro de si mesmo, buscando significar-se e ressignificar o que cada pessoa é na sua ânsia de leitura da realidade que continuamente se transforma numa simulação do real.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Possivelmente, ao apontar *Infância*, obra escrita por Graciliano Ramos antes da metade do século XX, como pertencente à autoficção, tal postura acabe revelando-se uma atitude geradora de controvérsias, visto que o escritor alagoano sempre se mostrou avesso às conquistas modernistas, mantendo-se fiel a um tipo de escrita realista e clássica. A despeito disso, já assinalou Bosi o “existencialista *avant la lettre*” (1994, p. 403) que há em *Angústia*, dado que permite compreender Graciliano como um escritor que antecipa algumas características do texto autoficcional nas suas obras de feitio memorialístico.

Demais, obras em que coexistem ficção e autobiografia, segundo Colonna, vêm sendo produzidas há bastante tempo. Na enumeração de alguns desses escritores de autoficção antes da existência do termo, Colonna oferece nomes como Dante, Molière, Chateaubriand, ou para restringir o foco em autores que, como Graciliano, produziram durante o século XX, cita Kafka,

Céline, Genet, corroborando a afirmativa de Perrone-Moisés de que “A autoficção pertence a uma longa e respeitável tradição” (2006, p. 206). Logo, Graciliano nada faz senão seguir uma ficcionalização de si já bastante canonizada.

O reaproveitamento de Graciliano de passagens de sua infância em produções consideradas plenamente ficcionais comprova que não houve na totalidade uma transição da ficção para o registro memorialístico, autobiográfico. Pelo contrário, pessoa e *persona* efetuam um intercâmbio entre si nas narrativas do escritor, oscilando entre ser, por exemplo, Luís da Silva ou ser um narrador em primeira pessoa que se identifica com a biografia de Graciliano e, ao mesmo tempo, sendo um “eu” que se procura obscurecer-se na narrativa, acaba por ser uma personagem de si mesmo.

No que concerne ao tempo em *Infância*, à primeira vista, percebe-se uma narrativa cronologicamente construída. Ainda que os fatos obedeçam a esse ordenamento, existe uma seleção de acontecimentos. Estes são fragmentos selecionados, que atendem ao “eu recôndito” que narra, optando pelas passagens em que o mais importante não é o factual, mas sim o que está marcado pela imprecisão e por certos traços de ambiguidade – escolha reveladora de que se valeu o escritor para poder amalgamar ficção e realidade.

No registro dos eventos de sua meninice, Graciliano mostra o quanto o aprisiona o espaço exterior, onde as regras e sobretudo as interdições o tornam um menino ensimesmado. Esse voltar-se a si mesmo leva-o a empreender uma espécie de aventura que funciona como uma exploração de seu interior, levando-o a hipertrofiar o próprio eu em detrimento do outro, única maneira de poder apreender sua verdade interior.

Se, como comentado anteriormente, apenas a ficção está capacitada para expressar a verdade, a narrativa autoficcional de *Infância* consegue esse mérito. Ainda que o objetivo de Graciliano seja o de ser o mais real possível em relação aos eventos de sua meninice, as marcas da criação literária e da fantasia trazem ao leitor tais reminiscências como um romance em que o autor, o narrador e a personagem performativamente se confundem um com o outro, entrelaçando-se uns aos outros como as linhas e entrelinhas dessa narrativa.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Luciene Almeida de. Autoficção e literatura contemporânea. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, Salvador-BA, v. 10, n. 12, p. 31-50, 2008. Disponível em: <https://revista.abralic.org.br/index.php/revista/issue/view/12/showToc>. Acesso em: 9 jun. 2022.

BOSI, Alfredo. Graciliano Ramos. In: BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura**

brasileira. 32. ed. São Paulo: Cultrix, 1994, p. 400-405.

BRAYNER, Sônia. Graciliano Ramos. In: COUTINHO, Afrânio; COUTINHO, Eduardo de Faria (Org.). **A literatura no Brasil: era modernista**. 7. ed. rev. ampl. São Paulo: Global, 2004, v. 5, p. 389-408.

CANDIDO, Antonio. **Ficção e confissão**: ensaios sobre Graciliano Ramos. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

CANDIDO, Antonio. Esquema de Machado de Assis. In: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 2. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1977, p. 13-32.

COLONNA, Vincent. **L'autofiction, essai sur la fictionalisation de soi en littérature**. Linguistique. Doctorat. Paris-France: Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales-EHESS), 1989. Disponível em: <https://tel.archives-ouvertes.fr/tel-00006609/document>. Acesso em: 8 mar. 2022.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria**: literatura e senso comum. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

GRACILIANO RAMOS. **Site oficial do escritor Graciliano Ramos**. Disponível em: <http://graciliano.com.br/site/>. Acesso em: 8 mar. 2022.

KINGLER, Diana. **Escritas de si, escritas do outro**: o retorno do autor e a virada etnográfica. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007.

LOURÃO, Rui. **Estruturas**: ensaio sobre o romance de Graciliano. 3. ed. rev. ampl. Curitiba, Ed. UFPR, [2003].

PACHECO, Armando. Graciliano Ramos conta como escreveu *Infância*, seu recente livro de memórias. In: SALLA, Thiago Mio; Lebensztayn, Ieda (Org.). **Conversas**: Graciliano Ramos. Rio de Janeiro: Record, 2014, p. 154-170.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. A autoficção e os limites do eu. In: PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Mutações da literatura no século XXI**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016, p. 204-219.

RAMOS, Graciliano. **S. Bernardo**. 78. ed. Posfácio de Godofredo de Oliveira Neto. Rio de Janeiro: Record, 2004a.

RAMOS, Graciliano. *Angústia*. 59. ed. Posfácio de Silviano Santiago. São Paulo: Record, 2004b.

RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. 92. ed. Posfácio de Marilene Felinto. Rio de Janeiro: Record, 2003.

RAMOS, Graciliano. *Cartas*. Rio de Janeiro: Record, [1981a].

RAMOS, Graciliano. Alguns tipos sem importância. In: RAMOS, Graciliano. **Linhas tortas**. 9. ed. São Paulo: Record, 1981b, p. 194-196.

RAMOS, Graciliano. **Infância**. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1952.

SALLA, Thiago Mio; Lebensztayn, Ieda (Org.). Conversas com Graciliano Ramos: calado e prosador do inferno. *In*: SALLA, Thiago Mio; Lebensztayn, Ieda (Org.). **Conversas**: Graciliano Ramos. Rio de Janeiro: Record, 2014, p. 11-47.

SILVEIRA, Joel. Graciliano Ramos conta sua vida. *In*: SALLA, Thiago Mio; Lebensztayn, Ieda (Org.). **Conversas**: Graciliano Ramos. Rio de Janeiro: Record, 2014, p. 88-96.

Recebido: 09/03/2022

Aprovado: 17/06/2022